

Coleção Clássicos da Saúde Coletiva

Madel Therezinha Luz

As Instituições Médicas no Brasil



editora



rede unida

Coleção Clássicos da Saúde Coletiva

Madel Therezinha Luz

As Instituições Médicas no Brasil

2ª Edição
Porto Alegre, 2014
Editora Rede UNIDA

Coordenador Nacional da Rede UNIDA

Alcindo Antônio Ferla

Coordenação Editorial

Alcindo Antônio Ferla

Conselho Editorial

Alcindo Antônio Ferla

Emerson Elias Merhy

Ivana Barreto

João José Batista de Campos

João Henrique Lara do Amaral

Julio César Schweickardt

Laura Camargo Macruz Feuerwerker

Lisiane Böer Possa

Mara Lisiane dos Santos

Márcia Cardoso Torres

Marco Akerman

Maria Luiza Jaeger

Ricardo Burg Ceccim

Maria Rocineide Ferreira da Silva

Rossana Baduy

Sueli Barrios

Vanderléia Laodete Pulga

Vera Kadjaoglanian

Vera Rocha

Comissão Executiva Editorial

Janaina Matheus Collar

João Beccon de Almeida Neto

Arte Gráfica - Capa

Borboletas Circulares

Vanessa da Rosa Guerra

Diagramação

Luciane de Almeida Collar

Coordenador da digitação

Ricardo Gaspar Muller

Grafia atualizada segundo o

Acordo Ortográfico da Língua Por-

tuguesa de 1990, que entrou em

vigor no Brasil em 2009.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

L 979i Luz. Madel Therezinha
As instituições médicas do Brasil/ Madel Therezinha Luz - 2. ed. - Porto Alegre:
Rede UNIDA, 2013.
362p.: il - (Coleção Clássicos da Saúde Coletiva)

Bibliografia
ISBN 978-85-66659-22-1

1. Instituições de saúde. Políticas públicas de saúde I. Título II. Série

NLM WA 100

Catálogo na fonte: Rubens da Costa Silva Filho CRB10/1761

Todos os direitos desta edição reservados à

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA REDE UNIDA

Rua São Manoel, nº 498 - 90620-110 – Porto Alegre – RS

Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br

Apresentação desta Edição

O lançamento, pela Editora da Rede UNIDA, da publicação clássica para o campo da Saúde Coletiva, “Instituições Médicas”, da Profa. Madel Luz, é uma comemoração. Em primeiro lugar, por permitir aos leitores o acesso a essa obra de grande relevância, não apenas teórico-metodológica na análise de políticas e práticas de saúde, senão também histórica, já que seu surgimento contribui com a constituição do campo da Saúde Coletiva, como campo singular de conhecimentos. Essa é uma das obras seminais do campo; é, por assim dizer, terreno fértil e semente para o surgimento da prática interdisciplinar de investigação e da abrangência do que chamamos de Saúde Coletiva nos dias atuais. O rigor teórico e metodológico de sua produção se soma a uma grande criatividade acadêmica, mostrando um objeto de investigação instigando o pesquisador – um grupo, nesse caso, como registra a autora, mas um grupo coordenado, orientado e dirigido pela mesma, que confere adicional de autoria – a produzir rotas investigativas que não empobrecem o objeto e a investigação; ao contrário, lhe dão a grandeza e a complexidade que a pesquisa qualitativa permite e exige, mesclando conhecimentos preciosamente pinçados de diversas disciplinas, em especial no campo das ciências sociais e humanas.

Em segundo lugar, além de contribuição metodológica, a exploração do objeto de estudo - a política de saúde e sua articulação com determinadas práticas - vai tornando visível a construção do acesso à saúde como o acesso a um conjunto de ações promovidas pelo aparelho do Estado, produzido e produtor de discurso tecno-científico bem específico e datado. A construção da categoria “instituições médicas” e a descrição de suas características é uma contribuição de grande relevância para o campo da análise de políticas de saúde e para a própria Saúde Coletiva. O “Instituições Médicas” nos oferece uma produção teórica que opera como verdadeira caixa de ferramentas para a análise de políticas no campo da saúde.

Em terceiro lugar, o relançamento desse clássico suscita comemoração pela grande atualidade das análises que produziu. Nesse momento, final do ano de 2013 e início de 2014, o lançamento, pelo Ministério da Saúde, do Programa Mais Médicos para o Brasil, assim como outras iniciativas que colocam em evidência certa perspectiva de regulação não predominantemente corporativa do trabalho na saúde, de todo o trabalho, inclusive de profissionais da medicina, torna-se audível não exatamente a articulação forte que a pesquisa da Profa. Madel tornou visível, mas a constatação, também da pesquisa, que essa articulação não estava imune a contradições. Há, por assim dizer, quase que um espaço virtual, de tão exíguo, entre ambas; uma pequena fissura na institucionalização dessa relação, construída em meados dos anos 60 e 70.

As políticas que o Estado desenvolve para a saúde da população, por certo, mantém a tradição apontada na pesquisa de constituir-se como discurso-saber da medicina, mas há uma pequena distensão no momento presente em que esse discurso não abarca, *naturalmente*, os interesses

grupais e de classe relativos à organização do trabalho que estiveram, durante o período histórico que foi analisado na pesquisa, praticamente justapostos no discurso audível nas políticas de saúde: o discurso das políticas de saúde, a partir do período 1964-1968, está limitado ao interior fechado das instituições médicas, nos diz Madel. Essa distensão, no momento presente, torna muito atual a análise sob a perspectiva do que a pesquisa destacava como os traços característicos principais da articulação do saber médico e aparelho do estado: a integração do discurso médico ao discurso do desenvolvimento econômico, buscando constituir uma base para imprimir atributos de racionalidade ao planejamento e à gestão; a centralização de órgãos e instituições, por meio da articulação de instituições e instâncias de decisão, mas também da evidência de certos campos de interesse; o controle estratégico dos recursos institucionais, por meio de uma burocracia institucional hierarquizada; a generalização da medicina como estratégia de uma hegemonia de classe, por meio de um discurso medicalizante das condições de vida e de saúde como solução para os problemas de saúde da população. As Instituições Médicas, nos diz Madel, tornaram-se “um *santo remédio* para os males da saúde do povo.” Como se poderia liberar discursos e práticas sobre outras saúde desse arcabouço? Essa parece ser uma pergunta que retoma a atualidade.

Por fim, também oportuno registrar a felicidade de apresentar a reedição, não apenas pelas contribuições já referidas, mas pela importância que a leitura desse clássico produziu na minha trajetória acadêmica e profissional: foi semente e terreno fértil também para minha formação acadêmica, na graduação e na pós-graduação. No momento dessa escrita, a alegria de conviver com a potência criativa, com o rigor teórico e metodológico e com a generosidade de Madel, complementam aquele primeiro contato, com a obra publica-

da em suas primeiras edições. Confesso, entretanto, a capacidade dos escritos de me oferecer novas descobertas a cada releitura.

Revisitar os clássicos da Saúde Coletiva tem, afinal, a potência de fecundar o pensamento, de constitui-se também em semente para fortalece o campo e, em particular, da produção de conhecimentos nesse campo. A potência do “Instituições” ilustra a ideia que embasa o lançamento da Coleção Clássicos da Saúde Coletiva da Editora Rede UNIDA, composta por grandes obras e nomes da saúde no Brasil. A coleção inicia com quatro obras primas, que ganharam uma nova roupagem revisada e atualizada. O relançamento destas relevantes obras sobre temas contemporâneos, constantes na agenda da saúde no Brasil e no mundo, presenteia a todos, através do acesso integral destas e de todas as publicações da Editora Rede UNIDA, na sua biblioteca digital. A Editora nasce com o objetivo de promover a produção científica, cultural e crítica de instituições de ensino e pesquisa, bem como promover à edição de obras de autores nacionais e internacionais, de reconhecido valor cultural e científico na área da Saúde Coletiva.

Boa leitura para todos e todas. Bem-vindos à Série Clássicos da Editora Rede UNIDA, que esse livro inaugura!

Alcindo Antônio Ferla
Porto Alegre, março de 2014.